

Dona de casa faz romaria para filho estudar

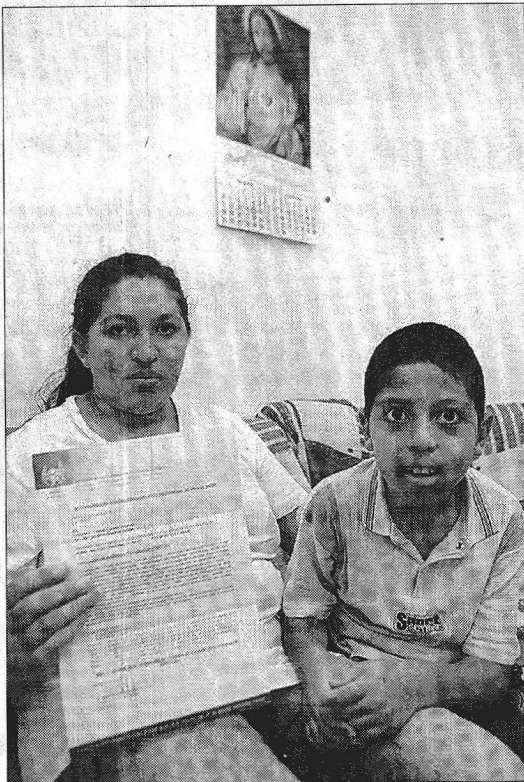
Ela ficou desanimada ao ouvir de diretor que ele poderia ser, no máximo, mecânico

LUCIANA GARBIN

Desde que começou a procurar uma vaga para o filho Henrique, de 8 anos, nada desanimou mais a dona de casa Francisca Neta da Silva, de 33 anos, do que o que ouviu do diretor de uma escola estadual. "Ele me perguntou: você está pensando que seu filho vai estudar para ser doutor? O máximo que ele vai conseguir é trabalhar numa oficina mecânica."

Moradora da Vila Inglesa, na zona sul, Francisca diz que já cansou de ser humilhada. Nas quatro escolas públicas perto de sua casa ouviu a mesma desculpa: não há vagas. "Desde abril do ano passado estou nesta luta. É triste. Ele fica chorando quando a irmã vai para a escola e pergunta: por que só ela pode ir? Fico sem saber o que falar."

A explicação dada pelos colégios para não aceitar a criança são seus problemas de comportamento, mas segundo a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), Henrique tem também deficiência mental e epilepsia. Precisa, entre outras coisas, de uma escola especializada, que a mãe não sabe como conseguir. "Tem hora que me dá um nó



Francisca e Henrique podem ter ajuda de ONGs

na cabeça. Se eu tivesse dinheiro, seria diferente?"

Processo – A conselheira tutelar de Cidade Ademar Jannaína Cristina Souza, que está tentando conseguir uma vaga em escola especializada para Henrique, conta que ele é apenas uma entre várias crianças que necessitam do serviço e acabam passando anos sem estudar. "Muitos professores não têm preparo para receber crianças especiais e, sem saber como agir, acabam falando absurdos para a mães, como esse diretor, que pode sofrer processo administrativo. É preciso que Estado e Prefeitura os capacitem para pôr em prática a inclusão social."

da ajuda na busca de vagas ao estudo do histórico da família, passando por orientação e capacitação das pessoas para superarem as dificuldades em lidar com adversidades.

Outra opção é procurar a delegacia de ensino da região onde mora ou o Centro de Apoio Pedagógico Especial (Cape), da Secretaria de Estado da Educação, que, entre outras coisas, forma professores do ensino regular para receberem alunos especiais e oferece informações e serviços. Funciona na Rua Pensilvânia, 115, Brooklin. Ao todo, nas escolas da rede estadual e instituições conveniadas há 33 mil estudantes portadores de alguma necessidade especial.

Entidades do terceiro setor já têm lutado não só para divulgar informações como também encaminhar portadores de deficiência. É o caso, por exemplo, da rede Entre Amigos (www.entreamigos.com.br/ 5082-3501), administrada pela ONG Sorri Brasil e cujo trabalho, segundo a coordenadora técnica, Tais Suemi Namibu, compreende